

AS CONTRIBUIÇÕES DE ADORNO E BOURDIEU PARA PENSAR A SOCIOLOGIA NA ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO SOCIOEDUCATIVA

Autor: Ruth Rodrigues Santos
Instituição: UNICAMPROMINAS

Resumo: Entendendo que o campo da Sociologia é bem mais abrangente e amplo que da disciplina de Sociologia ofertada em sala de aula, e tendo em vista também a importância e diversidade dos seus conteúdos para uma melhor formação não somente do aluno, mas do indivíduo, o intuito é ampliar de maneira prática a forma como a sociologia é teoricamente produzida em sala de aula e de como esse conhecimento pode ser utilizado na vida cotidiana e na prática social, ou seja, nas relações estabelecidas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar, pensando a interdisciplinaridade da disciplina não somente com os conteúdos em sala, mas também a partir dos que nos levam a pensá-la, analisá-la, entendê-la mais amplamente, assim interagir o que Bourdieu teoriza sobre a dinâmica dos campos (e nos campos) juntamente com a Teoria Crítica proposta por Adorno no que se refere à emancipação do Homem, tendo como plano de análise a educação como meio para tal emancipação, visto que para o referido autor a Teoria Crítica almeja esclarecer ao homem sua condição enquanto agente histórico de produções e de suas relações e condições de vida, onde a partir disso poderá encontrar condições de mobilização para uma ação transformadora.

Palavras-chave: Educação, Sociologia, Integração, Ensino-Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Entendendo que o campo da Sociologia é bem mais abrangente e amplo que da disciplina de Sociologia ofertada em sala de aula, e tendo em vista também a importância e diversidade dos seus conteúdos para uma melhor formação não somente do aluno, mas do indivíduo, o intuito é ampliar de maneira prática a forma como a sociologia é teoricamente produzida em sala de aula e de como esse conhecimento pode ser utilizado na vida cotidiana e na prática social, ou seja, nas relações estabelecidas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar, pensando a interdisciplinaridade da disciplina não somente com os conteúdos em sala, mas também a partir dos que nos levam a pensá-la, analisá-la, entendê-la mais amplamente, assim interagir o que Bourdieu

teoriza sobre a dinâmica dos campos (e nos campos) juntamente com a Teoria Crítica proposta por Adorno no que se refere à emancipação do Homem, tendo como plano de análise a educação como meio para tal emancipação, visto que para o referido autor a Teoria Crítica almeja esclarecer ao homem sua condição enquanto agente histórico de produções e de suas relações e condições de vida, onde a partir disso poderá encontrar condições de mobilização para uma ação transformadora.

2. METODOLOGIA

Este trabalho compõe uma das etapas de conclusão de um curso de pós-graduação, tendo como objetivo pensar o objeto de pesquisa dos diversos pontos de análise permitidos pela Sociologia, como fonte de análise social e disciplina que compõe a atual matriz curricular da educação pública e privada. A pesquisa apresentava como objetivo identificar e compreender através da percepção dos alunos, como a disciplina de sociologia, enquanto instrumento de integração e articulação socioeducativa com isso, perceber o desenvolvimento educacional do aluno pautado na conexão que este faz com os diversos campos educacionais, como: a escola, a família, a cultura, etc. Na tentativa de ampliar e ao mesmo estreitar as formas de educação e sua atuação na construção e formação do indivíduo, ou seja, mostrar a educação escolar a partir do ensino de sociologia para além da sala de aula. Desenvolver e aplicar a prática da “troca”, de os alunos não somente levarem os conhecimentos adquiridos em sala de aula e praticá-los no seu cotidiano, mas também de trazer para dentro da sala de aula suas vivências e experiências cotidianas, onde estariam em foco às relações que mantém com os diferentes meios aos quais está inserido. Acreditando na possibilidade de uma transformação social através de uma educação qualificada, compromissada, e de responsabilidade social. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo de revisão bibliográfica.

3. EDUCAÇÃO: CAMPO E EMANCIPAÇÃO

3.1 A dinâmica do *Campo* (e no campo) da Educação

Bourdieu (2011) define Campo como sendo o espaço onde se manifestam as lutas concorrenciais para atingirem fins específicos de interesse que caracterizam o espaço em questão, que pode ser definido como as relações de poder. Sua estrutura é baseada na distribuição desigual do capital social entre as classes que ocupam pólos diferentes, os dominados, que não detém nenhum capital social, ou muito pouco, não influente em relação ao capital detido pelos dominantes, que possuem o máximo de capital possível para permanecerem com o status de dominantes.

O campo pode ser percebido em várias esferas da sociedade, ou seja, há o campo político, o campo religioso, o campo científico, etc. No interior do campo é onde acontecem as ações que são objetivadas para que se tenha acúmulo de capital, ou seja, a maximização dos lucros. No campo social é onde acontecem as lutas pelo capital social, assim tornam-se evidente a ascensão de um grupo de um grupo, de uma classe no caso os dominantes.

As disputas dentro do campo são inevitáveis e, de certa forma, na visão de Bourdieu, necessárias para a legitimidade do espaço específico no qual acontecem essas relações, são adversários, porém cúmplices, que através do antagonismo que criam, delimitam o campo legítimo da discussão pela autoridade e pelo o acúmulo de capital social por eles almejada.

No caso da ciência, por exemplo, esse capital se refere à autoridade científica, ou seja, na luta que se trava entre os agentes em torno da legitimidade da ciência. As diferenças entre as classes sociais é um assunto discutido há muito tempo, discutida por diversos pensadores dentro do seu campo de estudo.

Pensar a dinâmica dos campos é pensa-lo dentro das inúmeras possibilidades e diversidade que encontramos na nossa sociedade. No campo educacional, por exemplo, temos as diferenciações, principalmente de classes que Bourdieu teoriza, quando consideramos a separação entre a educação pública e privada. Se analisarmos esta característica do sistema educacional perceberemos como este

pode ser causador de diferenciações seletivas e hierárquicas, principalmente se considerarmos o modelo de estrutura social vigente da sociedade capitalista, as classes sociais.

3.2 A educação como emancipação

Pensar a educação enquanto instrumento de emancipação pode parecer à primeira vista, algo um tanto ou quanto audacioso demasiadamente, porém para este autor esse empreendimento não é um mero projeto da razão, mas sim, uma tarefa com a finalidade de diagnosticar a realidade social, negar o estabelecido pela sua iniquidade e criar uma consequente práxis social capaz de intervir na sua mudança (Adorno e Horkheimer, 2003).

A partir dessa perspectiva, tentar relacionar o papel da educação enquanto instrumento de ação e transformação social, à medida que oferece meios para a emancipação dos indivíduos.

Pensar a mudança social por meio da educação é investir e justificar os meios pelos fins, no intuito de alcançar objetivos imediatos e em longo prazo. A amplitude da educação escolar, a sua aplicabilidade fora da escola, torna-se (ou pelo menos deveria tornar-se) um dos elementos constituintes na formação do aluno enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Um conhecimento que não pode nem deve ser desarticulado de suas vivências, seus cotidianos, suas práticas, seu papel social. A educação deve ser pensada e realizada dentro um sistema que lhe dê subsídios para se estabelecer como um referencial de escolhas, de aprendizados teóricos e práticos.

Não há como desarticular as várias esferas da vida social, sem que se relacionem de maneira complementar e mútua, sem a interação de tais esferas (política, educação, cultura, família, etc.) os resultados se tornam menos favoráveis e de pouca eficiência.

O ensino se apresenta como uma das principais fontes para que tal mudança ocorra, ou pelo menos facilitá-la, no sentido de que a escola desempenha um papel importante na formação cidadã, pois, é ela quem deve oferecer a este aluno uma preparação básica para que desenvolva pensamento crítico e autônomo. A instituição escolar ao dar importância aos conteúdos revela um compromisso em garantir o acesso aos saberes historicamente acumulados, pois tais saberes influenciam o desenvolvimento, a socialização, o exercício democrático da cidadania e a atuação no sentido de refutar ou reformular os conhecimentos e as imposições de crenças e valores. Os

conteúdos escolares que são ensinados devem, portanto, estar em harmonia com as questões sociais que marcam cada momento histórico. (Carmo, 2009).

Fazer uma releitura de teoria, práticas que já estão postas, é uma das formas de vivenciar as ciências sociais na prática, na vivência cotidiana. A releitura, a descoberta de novos significados, a ressignificação de conceitos, nos permite interpretar, analisar e perceber a realidade a partir do contexto atual, de tempo e espaço no qual estamos inseridos, nos permite utilizar de “velhos conceitos” para “novas realidades”, o que logicamente nos fará encontrar novas maneiras e possibilidades de reflexão e ação para a transformação e mudança, é nisto que se pauta tal proposta.

3.3 Educação: reprodução ou emancipação?

Diante do exposto talvez tenha ficado o incômodo de como podemos pensar a educação e sua dinâmica no campo social, como em um momento um instrumento de reprodução, e depois como um instrumento de emancipação, tendo em vista que se analisando as perspectivas apresentadas elas são em si, contrapostas.

Porém, diante das teorizações dos autores apresentados cabe-nos a leitura para além dos autores, e para além dos seus referenciais de pesquisa, ou seja, a temporalidade e a espacialidade. A leitura para além dos autores proporciona um melhor aproveitamento de suas contribuições e de como elas podem ser aplicadas para além do referencial de campo em que foram elaboradas.

Assim, quando pensamos a partir da perspectiva de Bourdieu, tendo como análise a dinâmica dos campos, não há como não pensar na articulação dentro do próprio campo, ou seja, na medida em que acontecem transformação dos e entre os campos, estas acontecem também nos campos, considerando as diferentes sociedades, os diferentes tipo de estratificação social, o tempo em que acontecem, enfim, as particularidade que lhe são necessárias e constituintes. O papel da educação vem se transformando de maneira tal, que não apenas se pode analisá-la como forma de reprodução, apesar de também o ser, porém quando analisada e interpretada incluindo suas relações dentro do próprio campo e dos demais campos, podemos percebê-la a partir de um ângulo mais amplo de possibilidade, afinal de contas a nossa vivência se baseia no contemporâneo, no aqui e agora, e o “momento” é sempre de mudanças.

As apropriações dos indivíduos em relação ao campo, acontecem de maneira mútua, na medida e na condição em que são complementares. A partir disso, voltamos novamente as condições do campo apresentadas por Bourdieu (2011) quando diz que o campo é um espaço seletivo e de hierarquização, e também de lutas simbólicas, produção e consumo de bens simbólicos, etc.

A dinâmica no campo da educação nos faz perceber, quase que de forma mágica, na prática como a teoria se concretiza. Afinal de contas, quando se tem uma educação, que se diferencia em público e privado e deixa clara a distinção entre as classes, principalmente em se tratando da educação básica, quando se fala em qualidade, percebemos a articulação, integração e a relação estabelecida em todos os elementos apontados na teoria bourdiana citados anteriormente.

Porém assim como as lutas travadas entre os campos, e também suas distinções, fazem parte daquilo que lhe constitui e lhe mantém, na medida em que conseqüentemente demarcam seus espaços. A luta por melhorias, por exemplo, na educação básica do sistema público, advém além de outros fatores na constante comparação entre este com a rede privada (de qualidade indiscutivelmente superior).

Percebo a relevância das lutas simbólicas entre os campos, mais complementar do que necessariamente opositora, logicamente tendo como campo de análise o objeto de pesquisa exposto. Entendendo “dinâmica” como sinônimo de mudança, e, portanto, possível e passível de transformação, o que nos leva a pensar na educação como instrumento de emancipação.

A educação deve ser um meio para a transformação, a travessia, o caminho. Não deve ser pensada, como fim, um objetivo a ser alcançado e sim, um caminho a ser constantemente percorrido. É no processo que se constitui se o aprendizado, a escola por exemplo, nos faz entender o papel da educação como articuladora de aprendizados e não detentora de saberes.

A escola desempenha um papel importante na formação cidadã, pois, é ela quem deve oferecer a este aluno uma preparação básica para que desenvolva pensamento crítico e autônomo, sendo isto, possível através dos conteúdos a que são sujeitos. Ou seja, não é somente abrir uma escola, ter uma boa estrutura física, bons professores, boa coordenação, sem que haja juntamente a isso, uma qualitativa elaboração e seleção dos conteúdos que serão transmitidos, pois é a partir disso que se pode pensar em construir as ferramentas necessárias para que o aluno nos período pós-escola possa efetivar de fato e na prática aquilo que lhe fora ofertado dentro das salas de aula.

Pensar educação é pensar em educar, fazer aprender, não no sentido de doutrinar, de enquadrar, de despejar conteúdo e preencher espaços nos alunos, mas no sentido de despertar, de

fazer descobrir, de instigar o prazer pelo conhecer, pelo conhecimento, trabalhando na construção de sujeitos, seres humanos, não de futuros profissionais de determinada área de trabalho.

Pensar educação como instrumento de transformação e também de sociabilidade é pensa-la a partir do que Frúgoli Jr (2007) diz que a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede.

É imprescindível pensar a educação numa amplitude que abranja todas estas características, e pensa-la reciprocamente na sua contribuição de formação de como esta também contribui para a formação humana, por isso pensá-la e fazê-la reflexivamente, onde não haja detentores do conhecimento, mas sim compartilhadores, socializadores, facilitadores e mediadores neste processo educacional, no sentido de troca, de relação e de igualdade em liberdade de expressão e responsabilidade em estar numa constância entre ensinar e aprender.

4. CONCLUSÃO

A amplitude da educação escolar, a sua aplicabilidade fora da escola, torna-se (ou pelo menos deveria tornar-se) um dos elementos constituintes na formação do aluno enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Um conhecimento que não pode nem deve ser desarticulado de suas vivências, seus cotidianos, suas práticas, seu papel social. A educação deve ser pensada e realizada dentro um sistema que lhe dê subsídios para se estabelecer como um referencial de escolhas, de aprendizados teóricos e práticos.

Tendo em vista o papel social da educação de significativa importância, é interessante pensa-la dentro dos padrões sociais ofertados e também nos atores que a fazem acontecer, neste caso não necessariamente, ou não somente, discentes, docentes e escolas, mas mais uma vez relacionando-a com tudo que a implica sendo a família, os grupos de relação social, a cultura, a política (o poder público), a sociedade. Para que a educação produza resultados qualitativos é

necessário que haja uma participação e realização compromissada e responsável cabíveis a cada um destes atores, envolvendo-os dentro de um objetivo prioritário que seria a formação profissional articulada a prática. Trabalhar com e para a educação não mais numa perspectiva de *reprodução*, mas de descoberta, inovação, produção, formação, socialização de conhecimentos, saberes, a partir de elementos novos trazidos pelos novos atores que constantemente compõem e atuam neste espaço atendendo assim às novas necessidades e ânsias por eles apresentadas para o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. E HORKHEIMER, M. “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. In **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOURDIEU, P. “A dinâmica dos campos”. In **A Distinção**. Crítica social do julgamento (2ª Ed.). São Paulo: Edusp, 2008.
- FRÚGOLI Jr, Heitor. “Sociabilidade Urbana”. In **Ciências Sociais- Passo a Passo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Autores: Ruth Rodrigues Santos _____